

As pequenas bacias do Grupo Iguatu (Icó, Iguatu, Lima Campos e Malhada Vermelha), totalizando uma área de 1135 Km², fazem parte do conjunto das Bacias Interiores do Nordeste brasileiro, constituindo o registro incompleto do evento distensivo responsável pela fragmentação do supercontinente Gondwana e consequente formação do Proto-oceano Atlântico. Trabalhos de campo realizados em 2009, pela equipe do Laboratório de Paleovertebrados do IG/UFRGS, trouxeram novos materiais para estudo, provenientes de vários afloramentos fossilíferos das diferentes unidades do Grupo Iguatu. O material fóssil, trazido em blocos de rocha extremamente resistentes, está sendo desagregado mecanicamente, preparado, triado e identificado taxonomicamente. Adicionalmente, lâminas petrográficas estão em processo de confecção. Em sua grande maioria, os fósseis correspondem a escamas ganóides de tamanhos diversos, atribuídas ao gênero *Lepidotes*, ossos de peixes não identificados e dentes de tubarão, pertencentes ao gênero *Planohybodus*. Do ponto de vista histológico, os fósseis estão muito bem preservados, sendo possível observar o esmalte nos dentes de *Planohybodus* e a camada externa de ganoína nas escamas de *Lepidotes*. Por outro lado, a grande maioria dos fósseis é encontrada desarticulada e fragmentada, devido ao ambiente deposicional altamente energético em que foram transportados e depositados, interpretado como depósitos relacionados a eventos de rompimento de diques marginais (*crevassesplays*). O conteúdo fossilífero até agora encontrado corrobora a proposição de uma idade Eocretácea para o pacote depositado nas bacias do Grupo Iguatu, sendo este correlacionável com a Bacia do Rio do Peixe e com a Formação Abaiara, da Bacia do Araripe. A preparação do material, bem como a confecção de lâminas petrográficas, segue em execução, visando a identificação de novos táxons e um melhor entendimento do contexto tafonômico e sedimentar das Bacias do Grupo Iguatu. [Bolsita PIBIC-CNPq-UFRGS]